

## **RELIGIÃO: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LAZER**

Myriam Marta Soares de Mello<sup>1</sup>

### **Resumo**

*O lazer, quando compreendido numa perspectiva multicultural, não deve negligenciar um dos aspectos que tem organizado o tempo livre de fiéis pentecostais, como lazer religioso. Se há um forte apelo à adoção das práticas de lazer, como consequência do desenvolvimento do capitalismo, a atividade religiosa não pode ser colocada num espaço secundário nesse debate. Não há como desconsiderar o poder de encantamento das atividades religiosas e o seu papel determinante como promotora de emoções e comoções, atuando como um entretenimento de baixo custo, disponível, de livre iniciativa e escolha pessoal.*

**Palavras Chaves:** *Religião, Lazer, Tempo Livre.*

### **INTRODUÇÃO**

Dentro deste tema, torna-se significativo discutir a crescente referência das atividades do lazer sendo ofertadas nas esferas religiosas, no qual são protagonistas tanto os dirigentes de cultos (pastores) como sua audiência (fiéis e “frequentadores simpatizantes” do pentecostalismo). Como exemplo, podemos citar o movimento de música Gospel e seus shows, retiros espirituais, cultos religiosos e vários produtos de entretenimento litúrgico: CDs, DVDs e canais exclusivos de rádio e TV. Este estudo tem por objetivo abordar algumas das possíveis relações entre os pressupostos teóricos encontrados nos estudos do lazer e nas práticas religiosas de viés cristão, como os pentecostais, bem como, a relação destes com o lazer na contemporaneidade, enquanto um bem de consumo cultural de massa. Para isso, nos propusemos a analisar algumas formas de participação na Igreja Cristã Maranata, com foco nas características do lazer, como desconexão e distanciamento das obrigações do dia a dia, ou seja, desrotinizante, como um “outro tempo”. Optamos pelas categorias: descontração, emoção, alegria, discurso e prática da amizade, combate ao tédio e ócio.

Neste estudo, elegemos as mulheres como sujeitos da pesquisa uma vez que, empiricamente, pode-se dizer que há um predomínio delas inseridas em grupos religiosos. São elas que ainda em superioridade numérica nas igrejas asseguram a vida religiosa de seus filhos e tornam visível o caráter religioso de nossa sociedade como “guardiãs da moralidade”. (Souza, 2004).

### **PENTECOSTALISMO**

O pentecostalismo se caracteriza basicamente com a manifestação do Espírito Santo e do Sagrado, um de seus “sinais distintivos” em torno do qual giram os outros que permite uma maior expressividade corporal durante os cultos, ou seja, o corpo começa a experimentar o contato com o sagrado cantando, dançando e louvando a Deus com liberdade de expressões, muitas vezes marcadas pela alegria. A glossolalia, o “falar

---

<sup>1</sup> E-mail: [myriam\\_mello@yahoo.com.br](mailto:myriam_mello@yahoo.com.br) Universidade Federal de Viçosa – UFV/ Educação Física. Sob a Orientação da Prof. Dra. Marizabel Kowalski. UFV/DES. GECCAS. Professora Vinculada ao Programa de Pós-Graduação da UFV/DES. Mestrado em Educação Física.

em línguas” ou “linguagem dos anjos”, também se dá nos momentos de orações, durante os cultos e é considerada uma prova social da presença do Espírito Santo. A prática ritualística e teológica do Pentecostalismo é constantemente acusada de subestimar a cognição racional e a intelectualidade como elementos constitutivos na construção da identidade pentecostal, em detrimento da performance e expressões corporais durante o louvor (cantos) e a oralidade (glossolalia) como receptáculos para a manifestação do Espírito Santo. Reforça e reproduz mais os “elementos afetivos e emocionais, ou seja, não são priorizados os aspectos intelectuais sobre os aspectos afetivos.” (Bab dini, 2004: 43).

A literatura sobre religião na contemporaneidade, particularmente os movimentos evangélicos, aos quais tem se denominado de protestantes pentecostais e neopentecostais, indica que estes vão se tornando cada vez mais institucionalizados, expandindo-se demograficamente, constituindo-se hoje como o fenômeno religioso mais importante da contemporaneidade. Ao contrário do que possa parecer, principalmente pelo enfoque dado pela mídia, estes movimentos querem prestígio, respeitabilidade e reconhecimento social, com o objetivo de alcançar uma certa hegemonia social. Acreditam na transformação da sociedade, cultivando por meio da fé e conversão individual, a conquista e a existência de um mundo melhor. A visibilidade desses movimentos e seu impacto transformador repercutem nos hábitos de fé, de comportamento e culturais. (Fernandes et al., 1998).

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), em 1990, apontou estimativas quantitativas descendentes para as “Igrejas Cristãs tradicionais (2%)”, e ascendentes para as “Igrejas Pentecostais (25%)”, contando, na época da pesquisa, com cerca de 30 milhões de membros. (Monteiro, 1995: 8). Dados mais recentes revelaram, igualmente, a aceleração e expansão dos grupos pentecostais e o declínio dos católicos. Machado (2005) apresenta em seu estudo sobre este grupo, o recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a saber:

[...] aceleração da tendência de declínio dos católicos e a intensificação da expansão dos evangélicos [...]. Assim, enquanto a representação dos católicos na população brasileira caiu de 83,3% para 73,8%, a porcentagem dos evangélicos pulou de 9,0% para 15,4% entre 1991 e 2001. (Machado, 2005: 387).

No Brasil, o pentecostalismo chegou no início do século XX, tendo sua explosão entre as décadas de 1970 e 1990, marcando sua visibilidade. Os mais recentes movimentos, os pentecostais, tornaram-se mais estruturais. Segundo Sanchis (1997) estes se orientam para o universo clientelístico de resposta às necessidades cotidianas (cura dos corpos, problemas afetivos, econômicos, profissionais, dentre outros), com a entrega de si ao Espírito Santo, recebendo Jesus em seu coração, devendo para isso temer a Deus. Pierucci (2004) apresenta em dados quantitativos, o recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), onde revela dados fundantes para este estudo, justificando o porquê da escolha pelas mulheres. Os evangélicos encontram-se entre os grupos religiosos que apresentam as maiores taxas de fiéis do sexo feminino em suas fileiras. A proporção das mulheres “-56% - é superior em 5 pontos percentuais à representação feminina na população brasileira- 51% -, e só perde para os espíritas, onde as mulheres representam 59,7% dos recenseados.” (Pierucci, 2004: 19). Segundo o autor, vale lembrar ainda que, em várias denominações pentecostais - Igreja Universal do Reino de Deus, Evangelho Quadrangular, Deus é

Amor, etc., a desproporção entre os homens e as mulheres mostra-se maior do que a que representa o conjunto dos evangélicos, o que acaba por dar “um rosto feminino ao pentecostalismo.”

Apesar da expressividade corporal nos rituais, os pentecostais são tradicionalmente identificados por sua maneira restritiva de cuidar do corpo. Considerando-o como templo do Espírito Santo, proíbe fumo, bebida ou outra forma de intoxicação, além de restringir estilos de vestir ou vaidades que possam parecer provocação sexual. Pode-se dizer que tem outro tipo de vaidade adotando uma moda que rompe com a da sociedade mais ampla por ser mais sóbria ou discreta. Sem dúvida, muitas de suas regras, como as descritas acima revelam cuidados com a saúde. Essa lógica, dentre outras, que determina a identificação dos pentecostais está diretamente relacionada a uma das lógicas que também permeia o lazer, que é o cuidado com a saúde. Valor este, presente e perseguido cada vez mais tanto pelos indivíduos, quanto pelo coletivo e social, como projetos de existência humana.

## **LAZER**

Os estudos do lazer, de uma maneira geral, centram-se nas mudanças sociais, nos estilos de vida, no desemprego (utilização do tempo, forçosamente livre), nos valores, na qualidade de vida, na saúde e no bem-estar, com preocupação voltada tanto para o individual como para o social. As discussões se detêm nas diretrizes reconhecidamente construtivas para que, através do lazer sejam proporcionadas, pragmaticamente, melhores condições de vida, de cidadania, de autonomia, de relações pessoais e sociais. As possibilidades de práticas de lazer na sociedade contemporânea apontam para um cenário favorável a uma maior disponibilidade e possibilidades de formas de lazer. Nesta configuração, Elias e Dunning (1992), ao proporem sua teoria do lazer, delimitam as atividades, classificando-as de acordo com as formas rotineiras. Apresentam uma tipologia do tempo livre agrupando-as em três subitens:

- 1) “Rotinas do tempo livre” – provisão rotineira dos cuidados com o próprio corpo (comer, beber, descansar etc.), atividades domésticas e rotinas familiares.
- 2) “Atividades de formação e auto desenvolvimento” – trabalho social voluntário, estudo, *hobbies*, atividades religiosas, atualização de conhecimento etc.
- 3) “Atividades de lazer” – encontros sociais formais ou informais, jogos, e atividades miméticas, e mistura de atividades prazerosas, como viagens, jantares, caminhadas etc.

Estes subitens foram inseridos como situacionais e/ou ilustrativos, pois, nos deteremos nas atividades religiosas, que se inserem no subitem intermediário e são constitutivos de uma marca de civilização, com um coeficiente de autonomia e liberdade de escolha. Estas se constituem em um conjunto de atividades que os indivíduos podem realizar em seus momentos de lazer, gerando uma excitação agradável, de maior importância para o bem-estar enquanto indivíduo ou sociedade. Lazer, na concepção aqui adotada e respaldada por diversas fontes, como não sendo atividades laborais, e nem por isso, menos úteis ao indivíduo, as atividades intermediárias podem então, estar configuradas no cenário do exercício da cidadania, das práticas religiosas e da educação informal, esta, destituída de formalidade e segmentos.

Segundo Lovisolo (2002), em citando o antropólogo Marshall Sahlins, as sociedades primitivas já dedicavam mais tempo ao ócio ou lazer “parar as tarefas, necessárias para a sobrevivência, para dedicar-se à diversão ou entretenimento era uma conduta bem difundida.” (Lovisolo 2002:52). Este “tempo” era configurado também

sob a forma de rituais religiosos. Isso demonstra que, não raro, tanto as sociedades, primitivas, quanto modernas e contemporâneas defendiam a cultura do lazer, nas quais encontramos sempre presente na literatura, a religiosidade e seus rituais. Paradoxalmente, Marcelino (1983: 194) apresenta a gestação do fenômeno do lazer, como resultado da Revolução Industrial, com a propulsão dos avanços tecnológicos que pôs em relevo a divisão do trabalho e a alienação do homem “do seu processo e do seu produto”.

Não nos interessa contrapor os autores, polemizando ou discordando, mas necessário se faz lembrar que ambos apresentam análises contextualizadas historicamente, e que no decorrer delas, não menos deixam de caracterizar a importância do lazer na vida das pessoas. Vale lembrar que o tempo livre não possui apenas predicados positivos de descanso, de ócio, de folga e de felicidade. Esta visão é desenvolvida por Padilha (2004) na resenha do livro *Le loisir contemporain*, de Michel Bellefleur<sup>2</sup>, filósofo e Professor do Departamento das Ciências do Lazer e da Comunicação Social da Université du Québec, Canadá.

[...] Ele também pode instalar o tédio, o medo, a solidão não desejada, a anomia. Em si mesmo, ele é apenas um vácuo portador de virtualidades multidirecionais. (...). Esta é o que o autor chama de ‘a face escondida do lazer’. (...). O lazer tem também suas mortes, seus suicídios, seus mutilados e, de um modo geral, sua morbidade tanto física como mental. As abordagens negativas do lazer podem ser apenas acidentais, mas fazem parte da estrutura do comportamento humano, o que, por si, já se choca com a abordagem conceitual que trata o lazer apenas em seus aspectos positivos como se fossem únicos. (Padilha, 2004: 153).

O autor tenta nos mostrar que, no lazer, há também as formas negativas de existir. Consideramos esse olhar um pouco enviesado, não menos importante, uma vez que o lazer trata da busca do prazer. Se considerarmos o lazer, somente como tempo livre, ele perde seu sentido. Nesse aspecto entraria o que o autor considera como lado negativo, porém esta é uma visão restrita. É comum ouvirmos a seguinte frase, “cabeça vazia, oficina do diabo”, uma frase sugestiva, de força “predatória” e efeito congregacional, não só do lazer, mas, sobretudo, do campo religioso. Livrar-se do “tempo livre”, eis um dos vácuos onde se instaura a sentença máxima da cultura do lazer e da religião, para combater o tédio e o ócio.

É lícito, que hoje, parece haver uma valorização maior do lazer, em termos econômicos, pois este aumentaria a produtividade dos trabalhadores gerando mais lucro segundo a lógica do capitalismo. A geração da força de trabalho adviria da necessidade de descanso e reposição de gastos energéticos. Acreditamos que o lazer não ficou imune dos aspectos econômicos da produtividade, o que talvez tenha vicejado tanto movimento em direção à sua importância na sociedade contemporânea, como sobrevivência do “humano no homem” (Marcelino, 1983: 17), com participação voluntária e menos sujeita a constrangimentos.

---

<sup>2</sup> BELLEFLEUR, Michel. *Le loisir contemporain*. Essai de Philosophie Sociale. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2002. (Collection Temps Libre et Culture) (192 p).

O lazer deverá, sob pena de alienação da liberdade de escolha, ser guiado pelo princípio do prazer, como pré-requisito para sua significação, e concebido como um ato escolhido ligado a uma pulsão de vida percebida como positiva, que comporta aspectos subjetivos e idiossincráticos.

## **EMOÇÕES E SENTIMENTOS**

As emoções humanas são frequentemente apresentadas como uma forma de expressão centrando-se em características sensíveis. Orientam-se pela representatividade de uma auto-imagem humana, “em que o que está dentro do indivíduo se identifica por uma expressão; de qualquer modo, não se pode perder de vista que o componente sensível prepara uma pessoa para a ação.” (Gebara, 2002: 83). Estas ações comportam aspectos subjetivos de experimentação e manifestação de vários sentimentos. O riso, o choro, a alegria, a raiva, a tristeza, a euforia, a motivação e todas outras formas de expressão das diversas esferas e situações da vida, configuram as emoções humanas. Dada sua multiplicidade, pelo que nos parece, elas também são provocadas e sentidas pelas práticas e rituais religiosos através da fé, que as tornam realistas. Inseridas nas emoções humanas e, particularmente, experimentadas no lazer e na religião, a alegria e o prazer conservam uma iniciativa determinada e gerada pelo indivíduo que emanam da pulsão de vida, não só aceitos, mas percebidos como positivos tanto em um como no outro.

A amizade, de uma maneira geral, é vista como uma relação afetiva, bilateral, de ajuda mútua, que tem uma forma específica de pensar o indivíduo e sua relação com os outros. Traz em seu arcabouço aspectos como, gosto, senso de humor, espontaneidade, revelações pessoais, trocas íntimas, confiança, apoio mútuo, carinho afeição e estima. (Rezende, 2002). A autonomia, de acordo com o Dicionário Aurélio Eletrônico, é a faculdade de se governar por si mesmo, um direito de liberdade ou independência moral ou intelectual. Podemos afirmar que há um relativo consenso na definição do termo, bem como uma consagração da escolha pessoal que dá sentido ao agir humano, e ao nosso “estar no mundo.”

[...] Durkheim (1971) foi um dos primeiros a discutir a dimensão social das emoções, a partir de seus estudos sobre os fenômenos religiosos. Do mesmo modo que toda sociedade tem representações coletivas que se impõem aos indivíduos e através das quais eles organizam suas experiências, ela também produz sentimentos coletivos, necessários para a manutenção do consenso social. Assim, os rituais muitas vezes de caráter religioso, teriam o papel de reafirmar regularmente os sentimentos coletivos que dão unidade à sociedade. (Rezende, 2002, p. 4).

Em consonância a esta análise, situa-se o lazer, reafirmando sua proximidade com os aspectos, práticas e rituais religiosos.

## **ANÁLISE DE CASO**

Os cultos evangélicos são públicos e observáveis e apresentam algumas marcas identitárias de acordo com a denominação da Igreja. Cada uma adota programas e processos que modelam o comportamento de seu público. Na Igreja Cristã Maranata, selecionada por nós, foi possível perceber o quanto as pessoas apresentavam comportamentos semelhantes, senão idênticos, nos momentos de louvor, que incluem o

cantar e o dançar. As mãos se levantam e o corpo balança de um lado ao outro, contagiando aquele (a) que está ao lado, se assemelhando ao movimento de uma onda. A emoção, a alegria e contentamento são visíveis, e todo aquele que se aproxima sem o olhar crítico aos fiéis, se envolvem nesse balanço<sup>3</sup>.

[...] é impossível ficar aqui parada vendo as minhas irmãs (de fé) dançarem...

[...] como é gostoso louvar a Deus..., ah! No culto o melhor momento é esse do louvor, sabe...

[...] a gente se transporta nos braços dessa alegria e dessa fé daqui da Igreja.

Para os participantes, o corpo é uma constituinte essencial da experiência religiosa. O corpo é o templo, a morada do Senhor. A expressão corporal das fiéis demonstra a funcionalidade no contato com o sagrado. A maioria das canções tem um tom romântico, de forte cunho emocional e atende a esse propósito

[...] é como se o Espírito Santo entrasse no meu corpo, fico até arrepiada...

[...] como é maravilhoso ter um corpo para louvar a Deus....

[...] não tem prazer maior do que esse de estar aqui cantando junto com as minhas irmãs. Esqueço da vida lá fora e só penso em Jesus e com ele tenho fé que meus problemas ficarão nas mãos dele e vão ser resolvidos...

Neste contato com o sagrado, a Pastor destaca os cuidados com o corpo. Aqui podemos apontar um dos objetivos do lazer que é também a busca da qualidade de vida e da saúde. Um dos cultos proferido pelo Pastor foi gravado e transcrito literalmente, sobre a esperança de mudança. A alegria e prazer foram ressaltados;

[...] Ó Deus, que todos nós sejamos ricamente abençoados diante da tua palavra Senhor, nesta tarde. [...]. O salmista ele diz que, uma vida abençoada, é uma vida feliz. [...]. Essa vida, ela tem prazer, ela tem alegria em meditar na palavra de Deus, na Lei do Senhor. [...]. Eu estou falando de uma forma geral às mulheres, que têm prazer em, que têm alegria de estar no caminho do Senhor, de andar segundo o coração do Senhor.

Qualidades para uma vida mais harmônica é ressaltada pela Pastor, onde ela faz menção a algumas categorias estabelecidas por nós, como a alegria, a fidelidade e o domínio próprio representando a liberdade e autonomia.

[...] Os frutos do Espírito Santo de Deus. E nós, como mulheres de Deus, nós temos que ter constância nesses frutos do Espírito de Deus, que está em nós. Alegria, a paz, a paciência, a bondade, a retidão, a fidelidade, o domínio próprio. Glórias ao Senhor!!!! Nós temos que ter constância. Nós precisamos saber quem nós somos (ênfase).

A maioria das canções tem um tom romântico, de forte cunho emocionalista e atende às características da emoção e dos laços de amizade.

[...] Perto quero estar. Junto aos teus pés. Pois prazer não há que me render e te adorar. Aperte a mão do seu irmão e dê um sorriso para ele.

<sup>3</sup> As falas aqui inseridas, e as demais, não são falas de entrevistas transcritas, são comentários das fiéis participantes ou “irmãs” como elas se referem uma às outras, que foram sendo anotados durante as observações. Procuramos ser honestos e exatos nas rápidas anotações.

Aperte a mão do seu irmão e cante essa canção. Deus te ama e eu te amo e assim devemos viver e assim devemos seguir.

O prazer e a satisfação de participar dos cultos da tarde podia ser percebidos com a maneira com que as mulheres se produziam. Diferentemente dos cultos noturnos em que a participação era aberta, com presença de mulheres, homens, jovens de várias idades, crianças, simpatizantes e fiéis. Consideramos essa forma produzida e bem arrumada das mulheres, sempre em estilo sóbrio, com adornos, adereços, maquiagem leve, como representação da identidade social do grupo. Um código de pertencimento.

Nos momentos do lanche, que ocorria sempre e logo após o culto, era patente, claro, evidente e manifesto o prazer e a alegria de estar junto ao grupo em momento de descontração. As mulheres riam e contavam casos de todo tipo, aumentando a afetividade no grupo, com o decorrer dos cultos. Os abraços cada vez mais calorosos, as preces prometidas para ajudar uma irmã, os convites para reuniões e encontros fora da Igreja. Os encontros da tarde, seguiam a mesma tendência de comportamento, um pouco mais descontraído, por serem desprovidos do formato de culto. Sempre com um número grande de mulheres fiéis e convidados simpatizantes aos preceitos da igreja. Havia um envolvimento crescente e visível em partilhar experiências. Também era comum a tentativa de doutrinar as simpatizantes ali presentes. A alegria, o prazer, a receptividade, a amizade, o carinho, o acolhimento, a troca de experiências desenhavam um ambiente extremamente agradável e harmônico.

Nosso estudo foi, precisamente, uma tentativa de aproximação dos vários sentidos, valores e práticas do lazer, com os vários sentidos, valores e práticas religiosas. Acreditamos que essa possibilidade pode ampliar nosso entendimento tanto de um quanto do outro e dos dois ao mesmo tempo. Estamos fundamentalmente propondo uma via, um caminho ou um encaminhamento válido para essa parceria.

## **ANÁLISE ARGUMENTATIVA**

Nesta seção é possível fazer um paralelo com aquilo Dunning (2003) sinaliza como o “despertar das emoções”. Ao transformar o culto em um contexto mimético (de canto e dança), a igreja conseguiu um despertar emocional similar ao que é buscado na prática esportiva e atividades corporais, como o cantar, o dançar, representantes do gesto de louvar a Deus, e que possui uma função “desrotinizante”. Apesar de Dunning não enquadrar o culto religioso como fazendo parte das atividades de lazer, seu caráter socializador, de despertar emocional e de função “desrotinizante” possibilitou constituir uma ponte com aquilo que é buscado nos cultos da Igreja Cristã Maranata.

As atividades religiosas, sob o prisma de atividades intermediárias, proposta por Elias e Dunning (1992), além de poderem ser consideradas atividades de lazer/tempo livre, poderão indicar um alargamento do conceito de lazer presente na sociedade. Assim sendo, o diálogo entre estas instituições – lazer e religião, aqui mencionadas, podem constituir-se uma via para a (re)leitura sobre ambas na contemporaneidade.

Considerando que o lazer não é um estado em si mesmo, mas um meio ao serviço das finalidades aqui abordadas e que o indivíduo persegue, concluímos, que os fiéis pentecostais também são motivados pelas atitudes de fuga ou de ruptura com o ócio e o tédio, e a Igreja, com seus rituais e cultos, é um terreno fértil para a operacionalização de tais rupturas. Tal argumentação pode finalmente buscar apoio na clássica definição de Geertz (1989), que em seu livro *Interpretação das Culturas*, sustenta a religião como “sistema cultural”, descrevendo-a como “um sistema de

símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens.” (Geertz, 1989: 105).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

Da Costa, Lamartine P. Lazer, Cultura e Saúde. (1997). In: *IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer - Coletânea*. Belo Horizonte: UFMG, p. 167-169, 1997.

DUNNING, E. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias comunicacionais e configuracionais de esporte e lazer. In: *Revista de História: Questões & Debates*. n.39, p. 11-40, 2003.

ELIAS, N. DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p. 149.

GEBARA, Ademir. Sociologia configuracional: as emoções e o lazer. In: *Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002, p. 77-91.

LOVISOLO, Hugo. Mídia, lazer e tédio. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, n.2, v.xxv, p. 43-66, 2002.

SANCHIS, Pierre. Pentecostalismo e cultura brasileira. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, vol.18, n. 2, p. 123-126, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. Campinas: Papirus. 1983.

PADILHA, Valquíria. O lazer contemporâneo – ensaio de filosofia social. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, v.10, n.2, p. 147-166, 2004.

REZENDE, Cláudia Barcellos. Magos da amizade: um ensaio em antropologia das emoções. In: *Revista Mana*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2002.

SOUZA, Sandra Duarte de. Gênero, religião e modernidade. In: *Mandrágora, Núcleo de estudos teológicos da mulher da América Latina*. São Bernardo do Campo: UMESP, ano IX, n.10, p.6-8, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto, N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.